

"O Globo" - 19. 11. 60

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### EM ORLY

PARIS, novembro — No dia seguinte à chegada a Paris fomos visitar as instalações da Air France, em Orly. Nosso cicerone é Jean Dabry, um daqueles pilotos da velha guarda, da linha do Atlântico Sul, amigo e companheiro de Mermoz, Guillaumet, Saint Exupéry. A primeira vez que êle fez a travessia foi em 1930...

Homens como êste são seguramente uma explicação da grandeza da Air France; muitos dos dirigentes de hoje são êsses veteranos de aventuras e guerras; quando o Governo francês resolveu reunir tôdas as emprêsas em uma só, estatal, foi para êles que apelou. Dabry fala dos progressos da técnica com o entusiasmo de um rapaz, mas quando lhe dizem que sou o tradutor brasileiro de "Terra dos Homens" sinto que êle me abraça com mais força. Conta-me que êste mês, no dia 21, vai à pequena aldeia em que nasceu Guillaumet render homenagem à sua memória: o pioneiro do Saara, do Atlântico e dos Andes tombou a 27 de novembro de 1940, em missão de guerra, sobre o Mediterrâneo.

— Vinte anos... Parece que estive com Guillaumet ontem...

As instalações da Air France em Orly são o que pode haver de mais moderno em técnica — e também na sóbria elegância de sua clara arquitetura. Em uma sala hemisférica, dois homens e duas mulheres vigiam: êles podem dizer, a todo instante, a situação precisa de cada avião na maior rede do mundo: aquêle, dentro de meia hora, vai descer em Saigon; aquêle acaba de partir de Los Angeles... Do mundo inteiro chegam sem cessar as mensagens, que são anotadas em um quadro imenso; a gente tem a impressão, quando faz uma pergunta, de que o funcionário se debruça sobre os continentes para responder.

Ouvimos falar muito em máquinas; mas há os problemas humanos. Um dêles, comum a tôdas as companhias aéreas do mundo, é o dessas lindas moças em uniforme discreto que estão sendo instruídas em um salão muito claro: as aeromoças (quem inventou essa palavra, honra da língua portuguesa?) quase nunca duram no emprêgo, quase sempre arranjam um casamento no fim de alguns meses. Outro problema é criado pelo jato e pelos fusos horários: as tripulações que fazem habitualmente as linhas no sentido leste-oeste e oeste-leste perturbam-se com a corrida contra ou a favor da marcha do sol, tendem a confundir o dia com a noite. É uma trapalhada psicológica, mas que pode ter por efeito um tipo especial de fadiga; Dabry me diz que há médicos estudando atentamente essas reações do pobre bicho humano levado a girar mais depressa do que convém em volta dêste pequeno planeta...

181